

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL -
PLAGEDER

**SUCCESSÃO GERACIONAL E AGRICULTURA FAMILIAR:
ESTUDO DE CASO DA PROPRIEDADE WEIZMANN, FORQUETINHA, RS**

Silvana Alice de Mattos Reckziegel

Picada Café

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL -
PLAGEDER

**SUCCESSÃO GERACIONAL E AGRICULTURA FAMILIAR:
ESTUDO DE CASO DA PROPRIEDADE WEIZMANN, FORQUETINHA, RS**

Silvana Alice de Mattos Reckziegel

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Orientador: Profa. Dra. Saionara Araújo Wagner
Coorientador: Simone Weschenfelder

Picada Café

2011

Silvana Alice de Mattos Reckziegel

**SUCCESSÃO GERACIONAL E AGRICULTURA FAMILIAR:
ESTUDO DE CASO DA PROPRIEDADE WEIZMANN, FORQUETINHA, RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Aprovado em: Porto Alegre, 15 de setembro de 2011.

Prof.a. Dra. Saionara Araújo Wagner - Orientador

UFRGS

Prof. Dr. Lovois de Andrade Miguel

UFRGS

Prof. Decio Souza Cotrin.

UFRGS

“A utopia está lá no horizonte.

Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.

Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.

Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei.

Para que serve a utopia?

Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”

Eduardo Galeano

Dedico este trabalho a meus filhos:

Ana Maria, Marco Augusto e Ana Luísa.

Pelo incentivo para que eu não deixe de caminhar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, permitiu que esta caminhada se realizasse com o desejo do conhecimento e com clareza de idéias.

Agradeço também as famílias Weizenmann e Bald, agricultores da localidade de São Vitor, município de Forquetinha, RS, pela disposição em contribuir para a realização deste trabalho e pela maneira como me receberam que tornou os momentos de estudo em momentos de agradável convivência.

Agradeço a disponibilidade, paciência e atenção da minha orientadora Profa. Dra. Saionara Araújo Wagner e da Tutora Simone Weschenfelder me ajudando a dar “forma” a este trabalho.

Agradeço de forma muito especial a coordenadora e as tutoras do Pólo de Picada Café. Este trabalho tem muito da dedicação de vocês através das mais diversas formas e momentos em que nos incentivaram a não desistir, a continuar e enfim conquistar nosso diploma.

Agradeço aos colegas pelo convívio, pelos trabalhos em grupo, pela troca de experiências, pelo exemplo de luta de cada um, da superação das dificuldades e da alegria de compartilhar esta vitória.

Aos colegas da EMATER/RS pela troca de idéias, pelo auxílio nas dúvidas e pelo incentivo.

Aos irmãos de fé, pelas orações. Aos amigos pela “torcida”.

Agradeço a minha família.

Pai Waldomiro (in memoriam), desculpe pelas ausências quando era momento de despedida. Mãe Elisabete, obrigado por compreender minhas ausências quando era hora de consolo. Aos meus irmãos, obrigado pelo apoio nos momentos difíceis em que não pude estar por perto.

Obrigado Jéssica e Cristina pelo carinho e atenção.

Filhos, Ana Maria, Marco Augusto e Ana Luísa obrigada pela “brisa” de juventude em nossa casa.

Marco Antonio, meu amor, meu companheiro e colega nesta “empreitada”, obrigado por aceitar o convite de recomeçar a trilhar os caminhos do conhecimento. Sem tua ajuda, sem tuas “caronas” e sem teu amor e carinho eu não estaria tão feliz neste momento.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar os fatores influentes no processo de sucessão na agricultura familiar, enfocando uma Unidade de Produção Agrícola – UPA, a Propriedade Weizenmann, no município de Forquethina, RS. A agricultura familiar se enquadra dentro de um modelo onde o trabalho da família tem como objetivo a produção, e conseqüente renda, bem como sua reprodução social. Neste modelo os processos se estruturam e acontecem visando à manutenção das atividades produtivas no espaço rural e as relações sociais presentes. Para que se efetue a produção e a reprodução, as relações sociais e culturais dentro da família, os recursos econômicos e as formas de trabalho são organizados de maneira a proporcionar a formação de novas gerações de agricultores. No desenrolar destes processos, fatores de ordem econômica, sociocultural e estrutural podem exercer influência na forma como a família irá se organizar para concretizar a sucessão na propriedade. O levantamento dos dados junto aos agricultores da Propriedade Weizenmann foi através de entrevistas semi-estruturas. A partir da análise dos dados levantados foi possível identificar estratégias e fatores de influência no processo de sucessão na agricultura familiar neste espaço rural.

PALAVRAS-CHAVES: Agricultura Familiar, Sucessão, Reprodução Social.

ABSTRACT

The goal of this study was to analyze the factors that influence the process of succession within family farming focusing on an Agricultural Production Unit – UPA, located within the municipality of Forquethinha, RS, the Weizenmann Property. Family farming fits into a model in which the family's goal is production and its consequent income, as well as social reproduction. In this model processes are established to assure the maintenance of the productive activities in the rural area and the presence of the social relation. In order to carry out production and reproduction, social and cultural relations within the family, economic resources and forms of work are arranged to provide the training of new generations of farmers. In the course of these processes, factors of economic, socio-cultural and structural order may influence the way the family will organize itself to implement succession within the property. The data used in this study were collected through semi-structured interviews conducted with the farmers of the Weizenmann Property. From the analysis of the data gathered in the interviews it was possible to identify strategies and factors that influence the process of succession in family farming within this rural area.

KEYWORDS: Family Farming, Succession, Social Reproduction.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Prédios Públicos (Creche e Posto de Saúde) em estilo “enxaimel”	22
Figura 2 - Vista da localidade de São Vítor, área rural de Forquetinha, RS.....	23
Figura 3 - Mapa da Estrutura Fundiária do RS.....	24
Figura 4 – Vista aérea da Propriedade Weizenmann	25
Figura 5– Vista da Propriedade Weizenmann.....	26
Figura 6– Filha Janete na atividade de ordenha	27
Figura 7– Filho Márcio e esposa Loreci na atividade de suinocultura – Maternidade ...	28
Figura 8– Patriarca Pedro Weizenmann e esposa Lori	29
Figura 9 – Filha Janete e família.....	30
Figura 10 - Filho Márcio e esposa Loreci	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1.1 Objetivos.....	12
1.1.1 Objetivos específicos:	12
1.2 Justificativa	13
2 BASES TEÓRICAS.....	15
2.1 Agricultura Familiar	15
2.2 O processo de sucessão na agricultura familiar.....	18
3 METODOLOGIA.....	21
4 RESULTADO E DISCUSSÃO.....	22
4.1 Município de Forquetinha, RS	22
4.2 Descrição da Propriedade Weizenmann.....	25
4.3 Estratégias utilizadas pela família Weizenmann no processo de sucessão familiar ...	31
4.4 Discussão da configuração sucessória atual na Propriedade Weizenmann	38
4.4.1 Os filhos sucessores.....	38
4.4.2 A filha que não permaneceu	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE A – Roteiro da entrevista realizada com o patriarca, Senhor Pedro PAULO Weizenmann, da família da Propriedade Weizenmann, localidade de São Vitor, município de Forquetinha, RS	53
APÊNDICE B – Roteiro da entrevista realizada com a filha mulher, SENHORA JANETE BALD, que permaneceu na atividade de bovinocultura leiteira na Propriedade Weizenmann, localidade de São Vitor, município de Forquetinha, RS	56
APÊNDICE C – Roteiro da entrevista realizada com o filho homem, SENHOR MÁRCIO ANDRÉ WEIZENMANN, que permaneceu na atividade de suinocultura Na Propriedade Weizenmann, localidade de São Vitor, município de Forquetinha, RS	57

APÊNDICE D – Roteiro da entrevista realizada com a filha mulher, JANICE ELAINE KLEIN, que saiu da propriedade Weinzemann, localidade de São Vitor, município de Forquetinha, RS.....	58
ANEXO – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO.....	59

INTRODUÇÃO

A agricultura familiar se apresenta como um modelo estruturado e organizado de modo orientar o seu sistema de produção e ocupação da mão de obra para além dos aspectos econômicos. Essa forma de organização está estreitamente vinculada à manutenção do tecido social e de sua reprodução enquanto família pertencente a um determinado território. (CARNEIRO, 2000).

Para isso, são levados em consideração, aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais. As atividades desenvolvidas neste espaço se apresentam de forma dinâmica e contínua, carregadas de relações inter e intra geracionais em suas trajetórias (CARNEIRO, 2000).

Apesar das mudanças mais recentes ocorridas no meio rural, que passa a ser percebido, não apenas como um espaço de produção, mas sim vivência e convivência, a agricultura familiar é a que representa mais claramente essas evidências. Muitas famílias se organizam de tal modo que alguns de seus membros desenvolvem atividades fora da propriedade, ou seja, não agrícolas, mas continuam residindo no meio rural (SCHNEIDER, 2009). Outros saem definitivamente do meio rural e vão trabalhar na cidade ou se casam com alguém que reside no meio urbano.

Como a agricultura familiar se caracteriza também por possuir áreas pequenas, até quatro módulos fiscais¹, é certo que dependendo do tamanho da família, não terá espaço para que todos permaneçam na propriedade, o que leva o patriarca a lançar mão de algumas estratégias de sucessão familiar, típico desse tipo de agricultura (CARNEIRO, 2000).

Para melhor entender essas estratégias o presente trabalho se propõem a identificar a forma como esta sucessão ocorre; verificar quais fatores tem influência neste processo; verificar se o processo de sucessão tem relação com as características geográficas e de dimensão da UPA; entre tantos outros pontos pertinentes ao estudo da sucessão geracional.

¹ Módulo Fiscal – É uma unidade de medida expressa em hectares, fixada para cada município, considerando os seguintes fatores: tipo de exploração predominante no município; renda obtida com a exploração predominante; outras explorações existentes no município que, embora não predominantes, sejam significativas em função da renda ou da área utilizada; conceito de propriedade familiar. No município de Forquetinha, RS, o módulo fiscal corresponde a 18 hectares (INCRA). Conforme a Lei nº 11.326/2006 são considerados agricultores familiares, entre outros requisitos, aqueles que não detenham mais que quatro módulos fiscais.

O que hoje se denomina Agricultura Familiar tem muitas características estruturais e funcionais e estas apresentam uma relação de causa-efeito que estão ligadas à sucessão geracional.

Para Gehlen (1994) a agricultura familiar se enquadra dentro do modelo que tem a terra como o espaço de trabalho, onde a mão de obra é familiar e tem como objetivo a produção e conseqüente renda. Além disso, reproduz a vida com a afirmação das relações sociais e culturais e a realização da cidadania. Assim, estes agricultores, continuaram exercendo uma atividade que vem ao encontro de suas necessidades, dentro da tradição de sua origem cultural.

Schneider (2009) cita os estudos publicados por Veiga (1991), Abramovay (1992) e Lamarche (1993, 1999), e afirma que estes foram reveladores de que a agricultura familiar é reconhecida como uma atividade que comporta uma estrutura agrária onde o trabalho da família tem importância decisória. Estes estudos também proporcionaram um deslocamento no interesse e nas preocupações da discussão sobre agricultura familiar. Primeiramente, este interesse, se direcionava para um caráter capitalista, tradicional, e que posteriormente se direciona para uma questão de caráter de relações sociais que predominam na agricultura.

E foi assim, como resultados de muitos estudos e estudiosos dedicados a conceituar o que vem a ser a agricultura familiar, que se procura entender e analisar ações que aconteçam neste processo que envolve terra, trabalho e o homem, no meio rural.

A agricultura contemporânea não separa negócio e família. O local de trabalho é também a residência, o que resulta no reconhecimento da importância social, econômica e territorial da produção familiar (SILVESTRO et al., 2001). Pode-se afirmar que “A agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento.” (ABRAMOVAY, 1997, p.3 apud SCHNEIDER, 2009).

As propriedades agrícolas familiares na atualidade têm em suas características a diversidade ou desenvolvem pluriatividades agrícolas e não-agrícolas. Esta diversidade de formas é decorrente de sua capacidade de adaptação, que pode permitir sua sobrevivência e a manutenção da propriedade, em alguns casos. Pode também promover seu desenvolvimento ou sua modernização, em outros casos (LAMARCHE, 1993 apud SCHNEIDER, 2009)

Mesmo diante do reconhecimento destas importâncias na Agricultura Familiar, a sucessão se revela como um assunto de foro íntimo, sem qualquer tipo de orientação no sentido da tomada de decisões. O processo de sucessão, na agricultura familiar, parte de três componentes: “[...] A transferência patrimonial, a continuação da atividade profissional paterna e a retirada das gerações mais velhas do comando sobre o negócio.” (GASSON E ERRINGTON, 1993; ABRAMOVAY et al., 1998 apud SILVESTRO et al., 2001).

Segundo Mello et al. (2003) o processo de sucessão geracional na agricultura familiar gira em torno da figura paterna, sendo que o pai será o responsável para determinar quando e como este processo de sucessão irá acontecer. Ainda segundo o autor este processo, em muitos casos gera conflitos relacionados não somente a forma como serão remunerados os filhos não contemplados com as terras, bem como apresenta uma questão de discriminação com as filhas.

Baseado nestas constatações, e outras ainda não vislumbradas, é que esta pesquisa procurou verificar e analisar os possíveis fatores que exercem uma influência, maior ou menor na sucessão geracional dentro da agricultura familiar. Assim, este estudo se focou no seguinte questionamento: quais são os fatores econômicos e socioculturais que tem influência na sucessão geracional dentro da Unidade de Produção Agrícola - UPA. Neste estudo a Propriedade Weizenmann, localizada no município de Forquetinha-RS foi o local onde se desenvolveu a pesquisa de campo.

Desta forma, de posse dos resultados da pesquisa de campo e à luz da bibliografia pertinente ao assunto será possível confrontar as informações. A compilação dos dados obtidos no espaço empírico e o conhecimento acadêmico socializado pela literatura disponível auxiliarão no entendimento da problemática da sucessão geracional na propriedade rural.

1.1 Objetivos

Identificar e entender quais os fatores econômicos e socioculturais que influenciaram o processo de sucessão familiar na Unidade de Produção Agrícola – UPA denominada Propriedade Weizenmann, localizada na Linha São Vítor, município de Forquetinha, RS.

1.1.1 Objetivos específicos:

- a) Identificar e descrever quais as estratégias utilizadas pela família Weizenmann no processo de sucessão familiar em sua Unidade de Produção Agrícola.
- b) Identificar e descrever quais foram os fatores determinantes para que alguns membros da família permanecessem na atividade agrícola
- c) Identificar e descrever quais foram os fatores determinantes para que alguns membros da família saíssem da propriedade.

1.2 Justificativa

O Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural, entre as disciplinas disponibilizadas aos estudantes, exige a execução de dois estágios obrigatórios. O primeiro Estágio Supervisionado I deve ser desenvolvido em uma Unidade de Produção Agrícola – UPA. A partir deste primeiro estágio uma questão começou a produzir uma “inquietude” nas reflexões resultantes do aprendizado durante o curso.

A Unidade de Produção Agrícola – UPA onde se desenvolveu o Estágio Supervisionado I se localiza no município de Forquetinha, RS, e se caracteriza por apresentar agricultura familiar. Contendo aproximadamente 20 hectares, esta UPA proporciona que três famílias retirem dela renda para seu sustento, bem como interajam social e culturalmente. As famílias são compostas pelo patriarca e esposa, pela família do filho e pela família de uma das filhas.

Este olhar sobre a UPA, proporcionado pelo estágio, fez despertar uma questão: de que maneira o processo de sucessão geracional ocorreu neste local? As indagações voltadas para esta Unidade de Produção Agrícola - UPA se apresentam como referência representativa de questionamentos de tantas outras UPA's, onde este processo também se efetiva nos mesmos moldes.

Estes questionamentos provêm de vários pontos presentes na realidade rural atual. Além disso, trazem muito do resultado do desenrolar das diferenciações agrárias e agrícolas e das mudanças nos padrões sociais que ocorreram ao longo da história. Refletir sobre a sucessão geracional, mais do que pensar o desenvolvimento e crescimento econômico, é analisar processos sociais, culturais e ambientais ali existentes.

Podem-se distinguir alguns pontos em que os olhares precisam ser expandidos no intuito de aumentar os conhecimentos sobre estes processos sucessórios na agricultura familiar. A importância e “peso” destes conhecimentos ficam explícitos no momento em que se planejam processos e ações visando entender o desenvolvimento rural sustentável, a médio e longo prazo.

2 BASES TEÓRICAS

2.1 Agricultura Familiar

Embora não sendo recente, a expressão Agricultura Familiar tem sido utilizada com significado e abrangência novos, nestes últimos tempos, também no Brasil. Esta categoria é definida como a que associa família, trabalho e produção. Este significado e abrangência novos, citados acima, são indicativos de uma nova leitura ao conceito do camponês tradicional, agora assumindo a condição de produtor moderno (WANDERLEY, 2001).

As formas modernas da agricultura familiar tentam adaptar-se ao novo contexto de reprodução, perdendo, em muitos aspectos sua autonomia tradicional. Diante do esvaziamento das sociedades locais, provocado pelo êxodo rural, resultando em unidades de pequena produção mercantil. A agricultura familiar moderna rompe sua relação com o seu passado (ancestral camponês), assume a racionalidade moderna, se profissionaliza e o mundo rural perde seus contornos de sociedade parcial e se integra à sociedade nacional (WANDERLEY, 2001).

Maria José Carneiro (2000) chama a atenção sobre dois aspectos que necessitam ser evidenciados quando se pretende analisar e conceituar agricultura familiar. O primeiro aspecto repousa sobre como articular o modelo definido como agricultura familiar e a realidade que se está tratando. Esta dificuldade se deve pela tendência que se “atribua a essa construção abstrata o status de realidade” (CARNEIRO, 2000, p.153) ou, por outro lado, que se enfoque uma realidade como sendo o que deva se entender por agricultura familiar. Estas duas abordagens se usadas de forma dissociadas podem dificultar uma análise e uma conceituação sistêmica do que vem a ser a agricultura familiar, devido à heterogeneidade das formas que a agricultura familiar apresentar na atualidade (CARNEIRO, 2000).

O segundo aspecto está relacionado à unidade de análise. A agricultura familiar pertence à agricultura, esta considerada um setor da economia. Desta forma a análise tende para a esfera econômica, ou seja, para a dinâmica de produção. Por este viés analítico esta dinâmica engloba, entre outros fatores, a mão de obra utilizada, que neste caso se reporta a mão de obra familiar. Então o “caráter familiar da chamada agricultura familiar se reduz, assim, ao trabalho familiar” (CARNEIRO, 2000 p. 154), quando se realiza a análise por este ângulo. O que poderia ser uma questão qualitativa passa a ser somente uma questão

quantitativa no momento que se utiliza este modelo na análise e conceituação da agricultura familiar (CARNEIRO, 2000).

Com a devida atenção a estes dois aspectos entendem-se os vários enfoques que a conceituação de agricultura familiar apresenta.

Para Abramovay et al. (1998) a agricultura familiar se caracteriza por ser uma atividade em que está envolvido tanto o aprendizado de um ofício, bem como a gestão do patrimônio (terras e capital). Nesta atividade está presente a força de trabalho de toda a família com a finalidade social de manter o negócio e a organização familiar. O autor ressalta que a importância da agricultura familiar repousa sobre a responsabilidade de formar novas gerações de agricultores, ou seja, a sucessão geracional.

A agricultura familiar pode, também, ser entendida como sendo uma atividade onde a família é proprietária dos meios de produção e executa o trabalho produtivo na propriedade. Esta combinação, propriedade e trabalho, ao longo do tempo e do espaço produzem uma grande diversidade de formas sociais (WANDERLEY, 2001).

Para Schneider (2009) no momento de caracterizar a agricultura familiar em sociedades capitalistas três elementos estão presentes. O primeiro está relacionado à forma de uso do trabalho, que pressupõe que unidades familiares têm a predominância do trabalho dos membros da família. O segundo elemento está na relação natureza e os obstáculos que ela apresenta como fator de influência para que a atividade agrícola desenvolvida, mesmo diante dos avanços tecnológicos, não possa ser igualada a atividade industrial no seu modo de funcionamento. O terceiro elemento está na relação dos agricultores familiares com o espaço social e econômico em que estão inseridos, bem como da tomada de decisões no interior da família ou do grupo doméstico.

No entanto será o caráter familiar que se apresentará como elemento central e regulador entre os demais elementos citados. Como resultado das relações sociais e decisões tomadas, no interior da família ou do grupo doméstico, e mediante as condições sociais e econômicas no qual a família está inserida, que surge os fatores que explicam sua reprodução (SCHNEIDER, 2009).

A família se constitui em um grupo social que se encontra em um mesmo espaço, não obrigatoriamente a mesma habitação, tendo em comum a propriedade de um pedaço de terra onde realiza suas atividades agrícolas. Existem entre os membros desse grupo laços de parentesco e consangüinidade, bem como podem ter membros onde inexistam tais

características. É nesse âmbito familiar que os integrantes discutem e organizam estratégias, individuais e coletivas visando a “reprodução material, cultural e moral do grupo” (SCHNEIDER, 2003, p.115).

Nas discussões acadêmicas sobre assuntos relativos ao meio rural, vêm ganhando destaque, dentre as estratégias utilizadas pela agricultura familiar direcionadas a garantir sua reprodução, as questões relativas à pluriatividades e atividades não-agrícolas. Schneider (2009) afirma que estudos referentes a estes dois temas vêm “descortinando dimensões sociais, econômicas e culturais que ganham proeminência na estrutura agrária brasileira” (SCHNEIDER, 2009, p. 33). Estas estratégias trazem uma contribuição na forma da família organizar o trabalho e a produção para sua reprodução e contribuem na ampliação da importância da agricultura familiar na estrutura social.

Schneider (2009) afirma que

Enquanto fenômeno social e econômico presente na estrutura agrária dos países desenvolvidos e em alguns países emergente, como no caso do Brasil, podemos definir a pluriatividade como um fenômeno através do qual membros das famílias de agricultores que habitam no meio rural optam pelo exercício de atividades não-agrícolas, mantendo a moradia no campo e uma ligação, inclusive produtiva, com a agricultura e a vida no espaço rural. Nesse sentido, ainda que se possa afirmar que a pluriatividade é decorrente de fatores que lhe são exógenos, como o mercado de trabalho não-agrícola, ela é uma prática que depende das decisões dos indivíduos ou das famílias. (SCHNEIDER, 2009, p. 97).

Desta forma, na discussão sobre agricultura familiar e os processos de reprodução, devem estar presentes estas estratégias relativas aos processos que acontecem, num âmbito mais amplo, no meio rural e suas características.

Na discussão sobre a agricultura familiar também se tem a contribuição de Veiga et al. (2001) sobre a importância da agricultura familiar dentro do meio rural brasileiro. Uma região rural dinâmica está associada a sua capacidade territorial de diversificação local, que muitas vezes é impulsionada por pequenas empresas que surgem a partir de habilidades empreendedoras germinadas em núcleos familiares agrícolas, nos moldes de uma empresa informal. O autor afirma que as economias rurais mais dinâmicas conseguem atrair seus consumidores pelos atributos territoriais e também vendem em mercados diferenciados. Este processo é o avesso das economias especializadas nas *commodities* agrícolas, que num

primeiro momento podem apresentar dinamismo, mas que com a perda da fertilidade natural, passam a depender da diversificação no entorno desta exploração.

2.2 O processo de sucessão na agricultura familiar

A agricultura familiar tem características de especificidades, bastante marcantes, no sentido de envolver trabalho, família e renda. Maria José Carneiro (2000) afirma

Nesses termos a especificidade atribuídas às explorações agrícolas pelo seu caráter familiar exige que se leve em consideração fatores e variáveis que não se restringem ao funcionamento econômico das mesmas. Para entendermos as estratégias traçadas pelas famílias para garantirem sua reprodução social é importante que se compreenda, por exemplo, as regras de transmissão do patrimônio familiar, em particular a terra, as estratégias matrimoniais e as posições diferenciadas dos seus membros na estrutura familiar e na sociedade. (CARNEIRO, 2000, p.157).

A família, neste contexto, é entendida como uma estrutura flexível, com capacidade de absorver novos valores, percepções e práticas no processo de reprodução social. Nesta dinâmica das relações familiares não se pode analisar de forma dissociada os sistemas de parentesco, nem a racionalidade econômica ou a divisão do trabalho (CARNEIRO, 2000).

Spanevello e Lago (2007) citando Almeida (1986) relatam que na agricultura familiar, a reprodução social pode ser percebida de duas formas distintas. A reprodução social de ciclo curto que está relacionada aos fatores trabalho, conhecimento e recursos necessários para o reinício do processo produtivo, ou seja, a lógica econômica da família. Em segundo vem a reprodução de ciclo longo que abrange aspectos geracionais e está associada à perspectiva de perpetuação da família, envolvendo nascimentos, casamento, morte e herança.

Mas neste processo de formação de novos agricultores ou de novas gerações de agricultores estão envolvidos três fatores que são: a sucessão profissional; a transferência do patrimônio; e a aposentadoria ou afastamento da geração que detêm o poder, nas unidades de produção (GASSON e ERRINGTYON, 1993: 183 apud MELLO et al, 2003).

Até o final dos anos 60 o padrão de reprodução nestas unidades familiares estava alicerçado no minorato ou ultimogenitura, que é a transferência da propriedade paterna ao filho mais novo, ficando o mesmo com o compromisso dos cuidados aos pais na velhice. Por outro lado, a família se organizava, em relação a sua reprodução e aos filhos não contemplados com a propriedade paterna. Através da utilização todos os meios materiais e de força de trabalho, tinham como objetivo a instalação dos filhos não contemplados, em outras unidades produtivas através da compra de terras ou lotes, próximos a propriedade paterna ou outras regiões (MELLO et al, 2003).

O padrão sucessório que foi imperioso até final dos anos 60 se esgota e entre os fatores de influência neste fato estão as limitações enfrentadas, a partir deste momento, para formação de novas unidades produtivas e também no desejo de muitos filhos de agricultores em não reproduzirem o padrão de vida de seus pais. Outro fator, também presente na questão sucessória na agricultura familiar atualmente, está ligado à falta de uma preparação ou planejamento prévio, na maioria das famílias, sobre os acertos e definições ligados ao processo de sucessão (MELLO et al., 2003).

Em pesquisa realizada no oeste de Santa Catarina Mello et al. (2003) ressalta a questão referente ao momento deve ocorrer à sucessão. O autor citando os resultados desta pesquisa relata que 36% dos pais entrevistados responderam que a sucessão vai ocorrer quando não tiverem mais condições de dirigir a propriedade. Já 45% dos filhos responderam que a sucessão na propriedade deve ocorrer quando o sucessor (filho) demonstrar sua capacidade em dirigir a propriedade de forma autônoma.

Mello et al. (2003) afirma que na agricultura familiar os processos sucessórios estão intimamente ligados à figura do pai. O autor afirma também que este processo ocorre, primeiramente, em decorrência da perda de capacidade de gerenciamento da propriedade pelos pais, do que pelas necessidades dos filhos ou dos fatores econômicos e de desenvolvimento das atividades.

Neste momento é importante uma diferenciação conceitual entre suceder e herdar. Mesmo que se possa afirmar que um conceito não exclui o outro e que os dois podem estar expressos em uma só pessoa, suceder ou sucessão “[...] significa substituir o titular de um direito, tomar o lugar de outrem, na gestão, no comando de determinado direito;[...]” (CHEMIN e AHLERT, 2010, p.70). Nos processos da agricultura familiar suceder tem o significado de comprovação, por parte do sucessor, da capacidade e da habilidade em

continuar gerenciando a propriedade. Herdar está relacionado ao processo de transmissão dos bens, direitos e obrigações perante a morte do titular da propriedade (CHEMIM e AHLERT, 2010).

Em decorrência que a sucessão não ocorre de forma instantânea, e que se apresenta na atualidade como um processo lento e gradual, é necessário que este processo se inicie o mais cedo possível. Este processo deve ocorrer com um planejamento baseado no debate dentro da família e estabelecido os objetivos e estratégias que consolidarão a transferência da unidade produtiva a outro gerenciador. A continuidade desta unidade produtiva depende desse mecanismo de passar gradualmente a responsabilidade e o patrimônio de uma geração para outra geração (MIRALHA e HESPANHOL, 2003 apud AHLERT, 2009).

Wanderley (2001), nas suas análises afirma que

[...] as estratégias da família em relação à constituição do patrimônio fundiário, à alocação dos seus diversos membros no interior do estabelecimento ou fora dele, a intensidade do trabalho, as associações informais entre parentes e vizinhos, etc., são fortemente orientadas por este objetivo a médio ou longo prazo, da sucessão entre gerações. Combinando os recursos de que dispõe na unidade de produção com aqueles aos quais pode ter acesso fora do estabelecimento – em geral, atividades complementares, temporárias e intermitentes –, a família define estratégias que visam, ao mesmo tempo, assegurar sua sobrevivência imediata e garantir a reprodução das gerações subseqüentes. (WANDERLEY, 2001, p.27).

Assim a associação de trabalho, produção e família, bem como os investimentos de recursos econômicos e de trabalho, e os resultados obtidos, estão voltados para que as condições de sobrevivência da geração atual possam ser transmitidas às gerações futuras (WANDERLEY, 2001).

3 METODOLOGIA

Conforme Fonseca (2002), citado por Gerhardt e Silveira (2008) na pesquisa científica se investiga uma pessoa ou grupo, denominado sujeito da investigação. No presente estudo o “sujeito da investigação” foram os componentes das famílias Weizenmann e Bald, agricultores familiares residentes na Propriedade Weizenmann, localizada na Linha São Vitor, município de Forquetinha, RS onde o objeto da investigação foi o estudo da sucessão geracional nesta Unidade de Produção Agrícola.

A escolha desta propriedade foi resultante do contato com os agricultores durante o Estágio Supervisionado I. No período que se desenvolveu o estágio, o convivo com a família Bald, e de forma indireta com a família Weizenmann, despertou o interesse relativo à forma como a sucessão está se desenvolvendo neste espaço rural. Ao término do estágio, o interesse em aprofundar tais questões, baseou-se na constatação de que algumas estratégias peculiares utilizadas pelo patriarca se apresentaram eficazes para a permanência dos filhos na Unidade de Produção Agrícola – UPA. A maneira como estas famílias organizam o trabalho e as relações sociais e culturais em que estão envolvidos, e que resultaram na efetiva sucessão familiar, motivaram a opção pela escolha e descrição desta experiência positiva.

Para a coleta de dados, no presente estudo, foram usadas as metodologias de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. O levantamento do referencial teórico foi baseado em material publicado por meio escrito e eletrônico, ou seja, livros, artigos científicos, websites. Já a pesquisa de campo, que se caracteriza pela coleta de dados junto às pessoas foi executada através da aplicação de entrevista semi-estruturada, com o objetivo de levantar dados sobre o processo de sucessão na Propriedade Weizenmann.

As entrevistas foram realizadas no período de 20 de março de 2011 a 10 de abril de 2011. Foram realizadas entrevistas na Propriedade Weizenmann, município de Forquetinha, RS, com o patriarca e os dois filhos que permaneceram na propriedade. Também foi realizada entrevista com a filha que não permaneceu na propriedade, residente no município de Lajeado, RS.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1 Município de Forquethina, RS

O município de Forquethina, RS, está situado na região do Vale do Taquari². Possui área total de 93,57 km² dos quais 88,44 km² delimitados em área rural. Conta com uma população de 2.548 habitantes, sendo que 468 moram na área urbana e 2.011 na área rural. Do total dos habitantes do município, 98% são descendentes de alemães e falam português e alemão, principalmente o dialeto Hunsrück. Este dialeto é característico da região da Alemanha de onde provem os antepassados de grande parcela da população. Uma característica visual forte do município são as construções antigas e novas em estilo “enxaimel” (IBGE, 2011).



Figura 1 - Prédios Públicos (Creche e Posto de Saúde) em estilo “enxaimel”
Fonte: Marco Antonio Reckziegel

² A região do Vale do Taquari localiza-se na encosta inferior do Planalto Meridional (parte norte do vale) e com os municípios da parte sul integra a Depressão Central. Abriga 37 municípios com uma área de 4.839,90 quilômetros quadrados (1,72% do território do Rio Grande do Sul). A população do vale é de 309.577 habitantes, sendo que 68,8% é urbana e 31,2% rural. Esta população equivale a 2,98% do total da população gaúcha. Está situado às margens do rio Taquari e afluentes. Partindo de Lajeado, uma das principais cidades do Vale do Taquari, está a 117 km de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul (VALORES DO VALE, 2004).

Forquetinha situa-se a 135 km de Porto Alegre, capital do estado, e a 18 km de Lajeado (município mãe). Está à margem direita do Rio Taquari e é banhado pelo Arroio Forquetinha (principal), Arroio Alegre e Arroio Abelha (IBGE, 2011).

A grande parte de cobertura vegetal nativa está na área rural do município, principalmente nas áreas com declividade acentuada. Estas florestas são classificadas, dentro do ecossistema estadual, como sendo estacionais decíduais. O município está incluído no Bioma Mata Atlântica (IBGE, 2011).

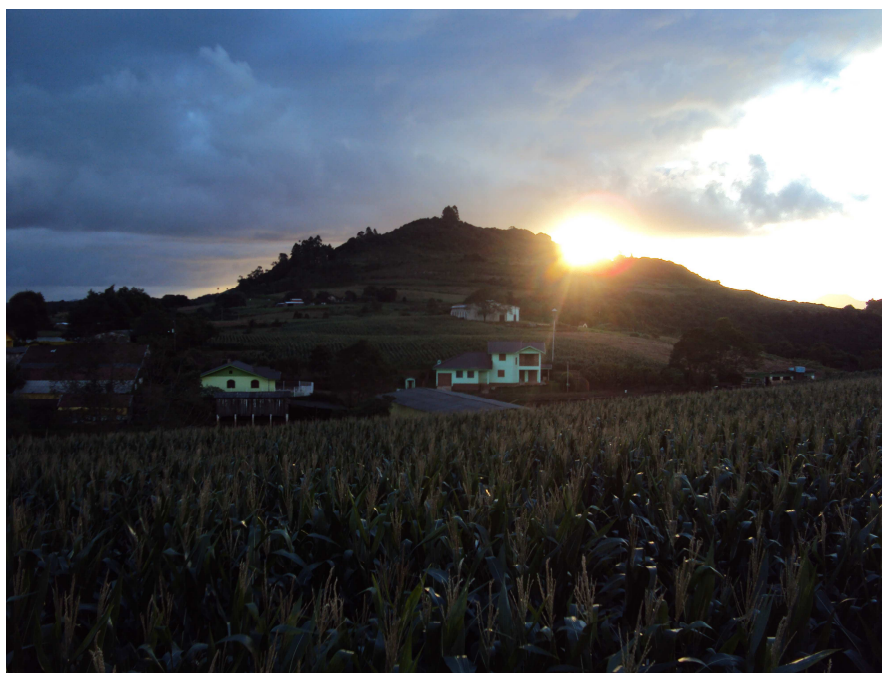


Figura 2 - Vista da localidade de São Vítor, área rural de Forquetinha, RS
Fonte: Ana Maria de Mattos Reckziegel

O solo do município está dentro da região da Depressão Central, com características argilo-arenosas, profundidade entre 1,00 e 1,30 metros e altitude média de 50m acima do nível do mar. As rochas encontradas no solo do município são principalmente de dois tipos: o arenito (rocha sedimentar) na parte baixa e o basalto (rocha vulcânica) (IBGE, 2011).

Em relação ao clima se apresenta subtropical com verões quentes e invernos amenos. Eventualmente há ocorrência de geadas, em média 10 dias ao ano. Está em torno de 1.500mm a precipitação pluviométrica média anual, sendo que ocorre uma deficiência

hídrica nos meses de janeiro e fevereiro e um maior volume nos meses de inverno e primavera. Esta variação provoca enchentes nas áreas baixas, nos períodos de maior concentração de chuvas. A umidade relativa do ar é alta, em média 70% a 80% (IBGE, 2011).

O município de Forquetinha tem sua economia essencialmente baseada na agropecuária, que é desenvolvida em pequenas propriedades rurais. Destacam-se, entre estas atividades, a avicultura, suinocultura, produção leiteira e o cultivo de milho. As indústrias presentes no município são indústrias de calçados, confecções, móveis, artefatos de cimento, usinagem e britagem asfáltica, serralheria, telas de arame, selarias e cerâmicas. Também são desenvolvidos serviços como fretes, mercados, posto de combustível, farmácia, energia, entre outros (IBGE, 2011).

O município de Forquetinha pertence ao Corede do Vale do Taquari. Esta região apresenta no meio rural, a predominância de pequenas propriedades, de 0 a 20 hectares, conforme figura 1 (ATLAS SOCIOECONOMICO DO RS, 2011).

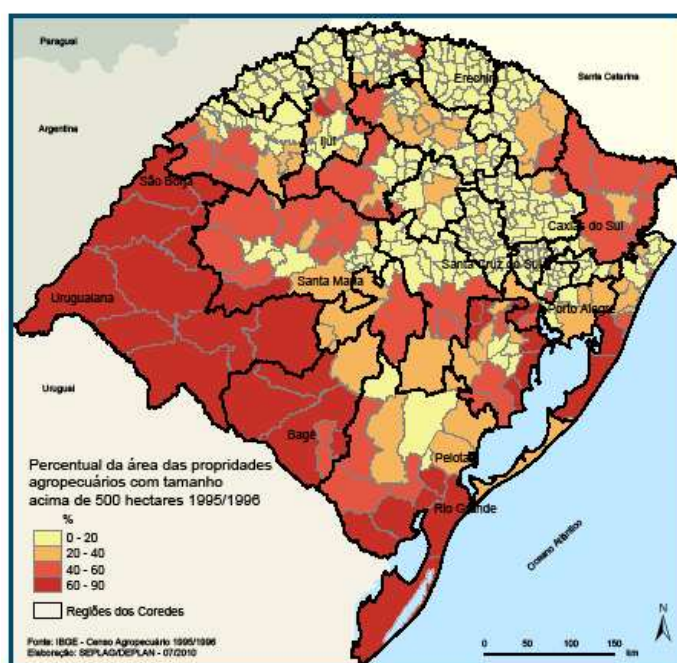


Figura 3 - Mapa da Estrutura Fundiária do RS
Fonte: Atlas Socioeconômico do RS, 2011

Forquetinha tem, aproximadamente, 705 propriedades rurais com área média de 10 hectares. Estes fatores ambientais em conjunto com as características fundiárias e de posse de terra pelas famílias se apresentam favoráveis à exploração de atividades agropecuárias

como avicultura, suinocultura, produção leiteira e agricultura diversificada. Esta produção primária representa 64,69% da receita total gerada no município (PREFEITURA MUNICIPAL, 2011).

4.2 Descrição da Propriedade Weizenmann

A Propriedade Weizenmann situa-se a aproximadamente cinco quilômetros da sede do município de Forquethina, RS, na localidade de São Vítor.



Figura 4 – Vista aérea da Propriedade Weizenmann
Fonte: Astor Bald

A Propriedade Weizenmann conta, hoje, com 20 hectares de terras próprias e mais 6 hectares arrendados de terceiros. Do total da área, 10 hectares pertencem ao patriarca e são terras herdadas e compradas de seus irmãos no passado. Os outros 10 hectares foram adquiridos de forma conjunta pelo patriarca e pelo seu genro, Astor.

Desenvolvem atividades agropecuárias, nesta propriedade, três famílias. A primeira família é composta pelo patriarca Pedro e sua esposa Lori com 58 e 56 anos, respectivamente. O casal reside neste local há 39 anos. A segunda família, do filho homem,

tem como integrante Márcio, 30 anos, e Loreci, 28 anos. A terceira família tem os seguintes componentes: Astor, o genro com 39 anos; Janete, a filha mulher que permaneceu na propriedade, com 36 anos; Anderson, filho com 17 anos; Andreoli, filha com 11 anos e Valéria Noll Bald, 61 anos (mãe do Astor).

Essa divisão não existe na organização da produção, pois a utilização da mesma acontece de forma integrada. O que há sim é uma divisão de tarefas dentro da UPA, conforme será relatado adiante.

Deste total de 20 hectares próprios e os 6 hectares arrendados, uma pequena área é ocupada pelos galpões (suinocultura e alimentação dos bovinos), sala de ordenha e casas de moradia. O restante é utilizado para o plantio de milho, mato de eucalipto (nas partes mais íngremes), pastagem e potreiro.



Figura 5– Vista da Propriedade Weizenmann
Fonte: Marco Antonio Reckziegel

O milho plantado é transformado em silagem, em torno de 150 toneladas por ano, para a alimentação dos bovinos de leite. A atividade de bovinocultura leiteira tem produção média de 700 litro/dia e é vendida para indústria de laticínios.

O patriarca possui um caminhão e auxilia no transporte de farelos e grãos usados na formulação da ração fornecida ao rebanho bovino. Também auxilia na época da ensilagem do milho, e sua esposa Lori auxilia, principalmente, na ordenha diária das vacas.

Outra atividade na propriedade é a suinocultura, executada em ciclo completo, com produção média de 180cab/mês. A venda dos animais prontos para o abate é feito de forma independente, sem vínculo com grandes empresas integradoras, para pequenos frigoríficos da região e do estado.

A divisão das tarefas dentro da propriedade se dá de forma que a atividade de bovinocultura leiteira é realizada pela família da filha, Janete e Astor, e quando necessário recebe o auxílio do patriarca e de sua esposa.



Figura 6– Filha Janete na atividade de ordenha
Fonte: Marco Antonio Reckziegel

A atividade de suinocultura é realizada pela família do filho, Márcio e Loreci, e também recebe o auxílio do patriarca, no transporte dos animais prontos para o abate. A alimentação dos suínos é realizada com ração própria para cada fase de desenvolvimento dos animais e é adquirida de empresa fornecedora deste tipo de insumo. Desta atividade de suinocultura, são utilizados na bovinocultura leiteira os resíduos orgânicos, ou seja, o esterco líquido na adubação orgânica das pastagens, juntamente com o esterco oriundo do gado leiteiro.



Figura 7– Filho Márcio e esposa Loreci na atividade de suinocultura – Maternidade
Fonte: Ana Maria de Mattos Reckziegel

Há, na propriedade, uma boa infra-estrutura de instalações e equipamentos. Para a execução dos serviços agrícolas como plantio, ensilagem, adubação orgânica, roçadas das pastagens e transporte de esterco. A propriedade possui três tratores, dois carretões basculantes, um espalhador de esterco e demais implementos.

As três famílias que residem na Propriedade Weizenmann têm responsabilidade e atividades agropecuárias, onde a mão de obra familiar é imprescindível ao bom desempenho econômico e funcional da propriedade.

Conforme relatado acima há uma divisão das atividades exploradas na UPA entre o patriarca e dois filhos com suas respectivas famílias. A bovinocultura leiteira fica a cargo de Astor e Janete Bald e família e a suinocultura a cargo de Marcio e Loreci Weizemann. O patriarca, Pedro Weizemann recebe 50% das receitas de cada atividade.

Esta forma de divisão tem gerado uma boa condição socioeconômica para as famílias envolvidas. Todas possuem um padrão social e econômico relativamente bom e estável. Moram em casas de alvenaria semi-novas com conforto e segurança. Todas as famílias possuem automóvel.

O patriarca relatou que os investimentos realizados na propriedade nos últimos três anos foram com recursos próprios – a compra de um caminhão novo no valor de R\$ 80.000,00 -, o que demonstra a estabilidade financeira e rentabilidade das atividades desenvolvidas.

As famílias da Propriedade Weizenmann participam das atividades da comunidade de São Vítor, onde estão inseridas. Atualmente Astor e Janete são presidentes da comunidade de São Vítor, o que demonstra um perfil de liderança local.

A Propriedade Weizenmann, diante da análise dos dados levantados e da forma e estrutura que apresenta, se enquadra dentro do que Gehlen (2011) define como Agricultura Familiar “moderna” colonial (comercial). Como a maioria das propriedades da região, esta UPA, foi para os pais, assim como continua sendo para dois filhos seu lugar de trabalho e de reprodução social.



Figura 8– Patriarca Pedro Weizenmann e esposa Lori
Fonte: Ana Maria de Mattos Reckziegel



Figura 9 – Filha Janete e família
Fonte: Marco Antonio Reckziegel



Figura 10 - Filho Márcio e esposa Loreci
Fonte: Ana Maria de Mattos Reckziegel

4.3 Estratégias utilizadas pela família Weizenmann no processo de sucessão familiar

Como já evidenciado, ao longo deste estudo, as famílias usam de estratégias no sentido de efetivar a sucessão geracional nas atividades desenvolvidas, sejam elas agrícolas, pluriativas ou não-agrícolas.

Na propriedade Weizenmann se constatou, através dos resultados das entrevistas, que o processo de sucessão geracional se efetuou e tem sua continuidade de efetivação, com certo planejamento por parte do patriarca. Embora o patriarca afirme que o processo aconteceu de forma natural, verificou-se que o mesmo executou ações e usou de estratégias que ao final do processo se constituíram em fatores propulsores que a sucessão se efetuassem conforme sua intenção.

Verificou-se que sempre foi intenção do patriarca a manutenção da atividade na agricultura, mas que também desejava para seus filhos o mesmo futuro, ou seja, que também fossem agricultores. Este desejo se revela na seguinte fala: “Sempre pensei em ficar aqui, até ficar velho. Nunca pensei em ir para a cidade. [...]. Eu trabalhei aqui para segurar os filhos. Para que ficassem todos comigo.”. Este relato do patriarca vem de encontro às idéias de Lamarche (1992), citadas por Juchem, Boscarin e Céspedes (2011), que os agricultores acalentam projetos para seus filhos baseados numa avaliação da situação global da sociedade em que estão inseridos. Desta forma esses projetos vão seguir, por exemplo, uma tendência de orientação coletiva. Se um número significativo de agricultores tem tendência de orientar seus filhos para outras profissões, fora da propriedade, existe a probabilidade da agricultura e o espaço rural passarem por dificuldades. Em sentido contrário, no caso da Propriedade Weizenmann, a orientação que pautou os projetos do patriarca em relação aos filhos, era que os mesmo permanecessem na propriedade, deduzindo-se que esta era a orientação coletiva à época em que começava o processo sucessório neste espaço rural.

Desta forma, a sucessão nesta propriedade analisada, inicia-se com o propósito do patriarca de que os filhos permanecessem na propriedade e na atividade agrícola.

O patriarca, já no início de suas atividades na agricultura, após a partilha das terras herdadas do seu pai, procurou comprar mais terras tanto de seus irmãos como de terceiros. Desta forma conseguiu eliminar um primeiro empecilho do processo sucessório que é a falta de terra suficiente para manter as famílias de seus filhos. Para a agricultura familiar o acesso à terra sempre se apresentou como um importante fator de atendimentos às necessidades

familiares. Esse atendimento se refere tanto a produção e renda da terra provinda, bem como a quantidade de terra disponível na hora da partilha e conseqüente sucessão nas atividades na propriedade (MULLER, 2007).

A importância desta posse também se evidencia, na agricultura familiar, no processo de reprodução social diante do fato de que “[...] na maioria das vezes, o agricultor conta apenas com sua terra para oferecer futuro para os filhos” (WANDERLEY, 2001, p.44). Também, a posse da terra, vem de encontro à expectativa de instalação dos filhos em novas propriedades, apontada por Wanderley (2001) como sendo uma das estratégias da sucessão geracional do campesinato do sul do Brasil, de forma mais acentuada até os anos 60.

Diante da saída da filha mais velha da propriedade, e conseqüentemente, da atividade agrícola através do casamento, o patriarca tentou incentivar de forma mais efetiva os filhos que ainda permaneciam na propriedade para a continuidade das atividades neste espaço rural.

Neste sentido, Spanevello e Lago (2007) afirmam que na agricultura familiar a reprodução social está atrelada à sucessão profissional, ou seja, depende que um ou mais filhos permaneçam na propriedade e assumam a condição de sucessores (as). Portanto a determinação do patriarca em proporcionar condições favoráveis para a permanência dos filhos na propriedade vem reiterar às afirmações destes autores.

Para a filha que ainda permanecia na propriedade, procurou oferecer, no momento do casamento, sociedade na atividade de bovinocultura leiteira. Esta atividade representava mais necessidade de mão de obra do que a outra atividade exercida na propriedade, a suinocultura.

Assim, mesmo com a intenção, por parte do patriarca, em proporcionar à filha condições para sua permanência na propriedade e na atividade agrícola, percebe-se que este processo foi impulsionado pelo matrimônio, ou seja, tem relação com o que afirma Carneiro (2000) que com o casamento a mulher passa a ter obrigações com o marido e entre estas obrigações está a participação nos trabalhos da lavoura. Conforme a mesma autora, na agricultura familiar, diante da estrutura que integra relações de produção e parentesco, o trabalho da mulher é considerado como “ajuda” e não como “trabalho” (grifos da autora).

Esta visão, resultante de um contexto onde a ideologia patriarcal é predominante, estabelece uma ligação, da passagem de “ajuda” para um trabalho mais “efetivo” por parte da mulher, com as obrigações entre os cônjuges. Com o casamento, a mulher, passará a

participar dos “trabalhos” na lavoura, como obrigação perante o marido, “Isto porque o direito conjugal permanece predominando sobre as relações de trabalho, tornando-se um obstáculo à construção da identidade profissional feminina dentro da unidade de exploração familiar.” (CARNEIRO, 2000, p. 159).

Carneiro (2000) ainda ressalta que a mulher, no processo de sucessão na agricultura familiar, tem importância na transmissão de bens materiais, mas principalmente, na transmissão de outros tipos de bens, simbólicos, de uma geração para outra, que estão ligados a produção, ao trabalho e a reprodução dentro da dinâmica das famílias. As mulheres são indicadas pela autora “como guardiãs e transmissoras privilegiadas de valores” (CARNEIRO, 2000, p. 157).

Na atualidade esta visão e importância como transmissora e guardiã de valores está enfraquecendo em relação às obrigações tradicionais, até então, designadas às mulheres dentro da família. No entanto este enfraquecimento não está sendo acompanhado por um fortalecimento no papel e na participação das decisões das moças nas propriedades rurais (ABRAMOVAY et al, 1998), o que tem levado muitas delas a abandonarem o meio rural.

Assim, mesmo que em relação à filha mais velha o casamento tenha se apresentado como fator de saída da propriedade, no caso da filha mais nova o casamento foi um fator para a permanência desta na propriedade, pois para o futuro marido foi oferecida a parceria na atividade de bovinocultura leiteira. Esta atitude do patriarca representou mais uma estratégia positiva em relação à sucessão na propriedade.

O patriarca também volta seu olhar para o filho. Diante da ameaça do filho deixar a propriedade, ofereceu ao mesmo um salário para sua ajuda nas atividades com a suinocultura:

Já com o filho eu comecei a segurar ele. Eu pagava um salário mínimo para ele me ajudar na suinocultura. Quando ele terminou o primeiro grau o professor começou a incentivar e falar que ele não deveria ficar em casa. Ele estudava bem, ele tem que sair para estudar. Então eu comecei a pagar dois salários mínimos para ele ficar em casa. Eu queria segurar ele aqui. (patriarca).

Esta estratégia, de remunerar o trabalho do filho, se mostra positiva visto que se opõe a um fator citado por Carneiro (2000) como sendo desestimulante que os jovens, filhos e filhas, permaneçam trabalhando na propriedade. A autora afirma que “na medida em que a renda obtida pela unidade de produção camponesa é indivisa, ou seja, não se remunera

individualmente a mão-de-obra familiar;” (CARNEIRO, 2000, p.160), os filhos se desinteressam em permanecer na propriedade.

Este fato acima além de indicar uma estratégia, por parte do patriarca, para tentar estimular o filho a permanecer na propriedade, também demonstra, através desta remuneração, o reconhecimento pelo pai da capacidade do filho em relação às atividades exercidas. Esta capacidade do filho tem ligação às referências feitas por Silvestro et al (2001) ao que ele designa como conhecimento tácito.

Os resultados da pesquisa realizada pelos autores acima citados, no oeste de Santa Catarina, indicam que mesmo diante da baixa escolaridade, principalmente dos rapazes e em menor proporção das moças, o conhecimento tácito dos jovens em relação às atividades do meio rural, torna-os capazes de gerir a propriedade. Este conhecimento se traduz em experiências relacionadas aos negócios familiares, as técnicas produtivas e aos canais de acesso aos mercados e a financiamentos. Estes conhecimentos são adquiridos ao longo do tempo nos processos e espaços de trabalho.

Por outro lado, os resultados da pesquisa de Silvestro et al (2001), mostraram que embora os filhos apresentem tais características promissoras em relação à gestão da propriedade e manifestem o desejo de trabalhar em uma unidade produtiva agropecuária (69%), em muitos casos este desejo não será realizado em virtude da insuficiência de terras das propriedades. Não basta que os possíveis sucessores estejam preparados para os trabalhos na propriedade, também é necessário que a propriedade tenha terras, equipamentos e tecnologia suficientes para que o trabalho se mostre rentável e sustentável econômica e socialmente.

Verifica-se, neste estudo, que na propriedade Weizenmann o patriarca pensou, com certa antecedência, a questão da possível insuficiência de terra. Primeiro pela compra de terras de herança dos irmãos e segundo pela compra de terras em parceria com a filha e o genro. Estas atitudes resultaram em terra na quantidade suficiente para proporcionar condições de produção para os possíveis sucessores.

Mesmo utilizando estratégias no sentido de “segurar” os filhos na atividade agropecuária, o patriarca dos Weizenmann enfrentou algumas dificuldades na sucessão geracional e na reprodução social de sua família ao longo do tempo.

No caso da Propriedade Weizenmann esse fator foi de cunho macroeconômico, ligado ao mercado que, por um período, colocou o filho mais novo longe das atividades de

suinocultura. A queda do preço pago pelo quilo de suíno ao produtor, fez o filho mais novo procurar, fora da propriedade, alternativas de atividades de emprego que lhe pareceram mais rentáveis naquele momento. Durante um período de aproximadamente seis meses este filho e a esposa trabalharam em uma granja de criação de suínos. Esta granja se localizava em um município do Vale do Taquari, e contava com outras famílias na execução das tarefas de manejo dos suínos.

Este período foi acentuadamente difícil para o grupo familiar, diante da frustração nas atividades desenvolvidas por este filho mais novo. Fora da propriedade se sentia desconfortável e desestimulado, por constantes problemas de relacionamento pessoal e profissional neste emprego.

Passado algum tempo as atividades com a suinocultura retomam perspectivas de melhora econômica. Este fato, então, proporcionou a volta do filho para a propriedade. Neste momento o patriarca oferece ao filho sociedade nas atividades de suinocultura, num percentual de 50% das rendas obtidas.

Também neste momento, o filho procura interceder junto às decisões do pai, propondo melhores formas de gestão e de produção. O fato da aceitação por parte do pai, destas sugestões, é outro fator de consolidação no encaminhamento da sucessão nesta propriedade. Abramovay et al (1998) afirma que um dos fatores de ameaça ao desenvolvimento das unidades produtivas, na questão sucessória, se apresenta quando os pais não distribuem ou compartilham com os filhos as decisões pertinentes ao trabalho dentro da propriedade. Nestas situações os jovens não têm a oportunidade de demonstrar seu talento e capacidade inovadora, o que pode levá-los a buscar alternativas de atividades fora da propriedade.

No momento atual a Propriedade Weizenmann conta com duas atividades agropecuárias, de boa rentabilidade econômica. Estas atividades produzem renda suficiente para que todos os integrantes das famílias, que habitam este espaço, tenham suas necessidades básicas satisfeitas. A primeira atividade é a bovinocultura leiteira onde o pai e a família da filha mais nova têm sociedade. A segunda atividade é a suinocultura onde o pai e a família do filho também têm sociedade.

O patriarca já sente que sua força de trabalho está, aos poucos, diminuindo. Neste sentido tem presente que deverá proceder de forma a passar um percentual a mais para os

filhos que estão nas atividades na propriedade: “[...] Talvez passar mais uma porcentagem para eles. Não queria entregar tudo. Gostaria de ficar com um pouco, senão não tem graça”.

Este pensamento do patriarca está em sentido contrário ao que Ahlert (2009) constatou baseado em resultados de pesquisa³ realizada no Vale do Taquari. Conforme os dados levantados junto aos agricultores entrevistados, onde 45,5% responderam que ainda não pensaram nesta questão. Destes 26,3% responderam que enquanto tiverem condições de trabalhar não pretendem se desfazer da propriedade e 2,7% responderam que enquanto não tiverem uma garantia de renda fixa, também não pretende passar a propriedade para os possíveis sucessores.

Estes fatores levantados pela pesquisa no Vale do Taquari mostram as dificuldades que enfrentam os filhos de produtores, na atualidade, em efetivar a sucessão nas propriedades dos pais (AHLERT, 2009). O autor afirma em relação a esta dificuldade

Considerando que a expectativa de vida da população brasileira, tanto urbana, quanto rural, está aumentando, a sucessão ocorrerá cada vez mais tarde, o que desestimulará os filhos a seguirem a carreira na propriedade rural, pois muitos poderão se tornar proprietários das propriedades dos seus pais somente depois dos 50 anos, quando já existirá uma nova geração de filhos destes em idade de aspirar uma propriedade. (AHLERT, 2009,p.8).

Portanto, estar acontecendo a discussão da força de trabalho, da remuneração e da divisão das receitas, na Propriedade Weizenmann, permitirá que o processo sucessório aconteça no período mais apropriado.

A discussão desses fatores acima citados pela família também se relaciona com outro ponto levantado por Ahlert (2009) e que interferem no processo sucessório. Conforme as pessoas envelhecem sentem-se menos encorajadas a correr riscos, limitando novos investimentos na propriedade. Essa situação, em muitos casos, descontenta os filhos, e esses, em muitos casos, perdem o interesse pela atividade e abandonam a propriedade. A pesquisa acima citada indicou que a maior proporção (74,7%) de agricultores dispostos a fazer novos investimentos na propriedade está na faixa etária de 40 aos 50 anos. A partir dos 50 anos o percentual de investidores se reduz aos poucos e a partir dos 60 anos os não investidores se tornam maioria (59,5%).

³ Pesquisa sobre a dinâmica populacional e a sucessão da agricultura familiar no Vale do Taquari. Realizada em 2005 a pesquisa contou com o apoio financeiro do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA e da Federação dos Trabalhadores da Agricultura – Rio Grande do Sul FETAG-RS.

Na propriedade Weizenmann observou-se que o processo sucessório está acontecendo quando os filhos estão em faixas etárias próximas as que se apresentam mais dispostas a correr riscos em relação a investimentos necessários ao crescimento e desenvolvimento da propriedade. A filha hoje está com 36 anos e o filho com 30 anos.

Nesse sentido o patriarca da família Weizenmann já estudou uma nova estratégia, conforme ele mesmo relata: “Se eu entregar mais 30% para eles, então vão ficar com 80%. Eu fico só com 20%.”. Mas também já pensa em como contemplar a filha que mora na cidade: “Mas aqueles 30% que eu entrego a mais, eles tem que pagar um pouco para a filha que está na cidade. Ajudar ela um pouco”. Portanto, esta passagem de mais percentual nos resultados das atividades desenvolvidas na propriedade, traduz seu entendimento sobre como o processo sucessório irá se completar nesta propriedade, mas também como a partilha deverá ser conduzida entre todos os filhos de forma mais justa.

Este entendimento vem de encontro ao que afirma Ahlert (2009) como resultante de sua pesquisa, onde 88,9% dos entrevistados pretendem transferir sua propriedade para um ou mais filhos. Esta transmissão está relacionada não somente a sucessão, como também à herança.

Neste sentido foi perguntado aos três filhos do Sr. Pedro, se a divisão patrimonial da propriedade já estaria decida ou planejada. A resposta de todos foi “acho que não”. Percebe-se, nesta resposta, o que alguns autores indicam como sendo a lógica prevalecente de transmissão patrimonial na agricultura familiar. O pai tem o controle sobre a forma como será feita a divisão. Este processo de divisão será conduzido no sentido de reafirmar o valor da família, como grupo e acima dos desejos individuais, de manter o patrimônio (terras) viável economicamente para a atividade e também de garantir a reprodução no interior da família (SPANVELLO, 2008).

Na propriedade Weizenmann, pode-se concluir, conforme o exposto até aqui, que o patriarca usou de estratégias que se mostraram eficientes no sentido de efetuar a sucessão na sua propriedade.

A compra de mais terras, a parceria nas atividades, a remuneração pelos trabalhos na propriedade e ainda o compartilhar nas decisões referentes às atividades desenvolvidas na propriedade foram fatores determinantes para a permanência dos filhos nas atividades agropecuárias. Também a forma como a transferência da gestão das atividades está sendo conduzida pelo patriarca indicam que a sucessão deverá ser completada de maneira a

proporcionar não só continuidade do processo de produção, como também a reprodução social e cultural dessa família.

4.4 Discussão da configuração sucessória atual na Propriedade Weizenmann

4.4.1 Os filhos sucessores

A Propriedade Weizenmann conta hoje com dois sucessores para as atividades desenvolvidas neste espaço rural. Uma das filhas e o filho desenvolvem atividades em parceria com o pai. Estas atividades, dentro das perspectivas vislumbradas pela pesquisa de campo, têm proporcionado bons rendimentos e também um bom relacionamento nos acertos e no planejamento das atividades.

Esta situação foi sendo construída ao longo do tempo e com a influência de fatores de ordem econômica, social e estrutural da propriedade. As estratégias relatadas anteriormente, por parte do pai, tiveram influência nesta configuração atual de sucessão nas atividades bem como na reprodução social, neste espaço rural.

A partir da entrevista realizada com os filhos que permaneceram na propriedade, podem-se indicar alguns fatores que tiveram uma influência mais direta no processo de sucessão. Visualiza-se o desenrolar de fatos que levaram os mesmos a efetivar, embora não de maneira completa ainda, a sucessão na Propriedade Weizenmann.

Na entrevista constatou-se que as atividades tanto agrícolas como domésticas, realizadas por estes membros da família, bem como pela filha que não permaneceu na propriedade, iniciaram já na infância. Perguntou-se aos filhos quais eram as primeiras lembranças que eles guardavam da infância em relação às atividades na propriedade. Os filhos que permaneceram na propriedade relataram como primeiras lembranças atividades ligadas ao trabalho agrícola. A filha respondeu: “Me lembro de quando eu plantei um pedacinho de soja para comprar uma mochila depois”. O filho respondeu que tinha a lembrança do pai e da mãe plantando com os bois: “Plantavam lá pra baixo os morros, plantavam de tudo. Chegava à noitinha íamos para casa e às vezes virava a carroça. Daí a gente tinha que ajuntar todo o milho de novo”.

Estes relatos vêm de encontro ao que nos afirmam Spanevello e Lago (2007) que na agricultura familiar a formação de novos sucessores é um processo que deve iniciar desde

muito cedo através do que denominam socialização para o trabalho. Filhos e filhas, ainda crianças, ajudam os pais nas atividades na propriedade, ou seja, “aprendem o ofício” assumindo aos poucos as responsabilidades, até alcançarem a total gestão da propriedade. Na socialização do trabalho acontece, também, uma divisão de gênero, que induz os homens para a esfera produtiva e as mulheres para o serviço doméstico. Este fato gera em homens e mulheres perspectivas diferenciadas em relação ao processo sucessório.

Na família Weizenmann também se identifica que houve certa divisão nas tarefas efetuadas, sendo que em alguns aspectos houve uma variação em relação às afirmativas destes autores. Eram duas filhas, onde a mais velha se identificava mais com o trabalho doméstico e a filha mais nova com o trabalho agrícola. Então esta divisão de gênero no trabalho, neste local, se apresentou de forma um pouco diferenciada, que pode estar ligado ao fato de as duas filhas serem mais velhas que o filho. Esta configuração familiar resultou num processo onde as filhas estariam primeiramente aptas ao trabalho, tanto agrícola como doméstico, do que o filho, em virtude do fator idade.

Evidenciam-se estas afirmações através da fala da filha mais nova quando interrogada sobre a divisão das atividades entre os irmãos: “Era separado, porque minha irmã nunca gostava de ir à roça, capinar e fazer pasto como eu. Eu gostava mais e meu irmão naquele tempo era guri.”. A preferência pelas atividades agrícolas aparece, também, nas respostas desta filha às perguntas de como se sentia em relação às tarefas realizadas e qual era mais agradável. “Bem eu sempre gostava de animais e de tirar leite. Isso era o que eu gostava. Fazer pasto eu adorava.”, e ainda “Tratar os bezerros era o que eu mais adorava. Tratar leite, dar leite para eles... era uma coisa que eu gostava.”, afirmou esta filha que permaneceu na propriedade com a atividade de bovinocultura leiteira.

Na percepção do filho não havia divisão no trabalho: “A gente ajudava todo mundo junto.”. Em relação a como se sentia em realizar as tarefas e qual era mais agradável o filho relata “Às vezes ficava brabo por causa de fazer um serviço que não gostava. [...] não tinha nenhuma tarefa mais agradável. Isso era tudo igual.”.

Outro ponto levantado através das entrevistas diz respeito ao momento em que decidiram permanecer na propriedade. A filha respondeu que foi no momento do casamento. Quanto ela e o namorado resolveram casar a irmã mais velha já havia deixado a propriedade. O irmão era muito novo para assumir a atividade de bovinocultura leiteira, que demandava mais mão de obra. Então neste momento foi que resolveu ficar, conforme relata: “Eu tinha

uns dezoito anos quando nós pensamos em casar. O Astor estava aceitando vir para cá e ajudar, porque uma atividade assim tem que ser dois.” O marido também relatou “Ela me colocou na forca: ou tu vens pra cima ou tu ficas em casa”.

Pode-se também verificar que o fato de o irmão não estar na idade de assumir a gestão da propriedade, encaminhou para que fosse esta filha que, primeiramente, assumisse, em parceria com o pai, uma atividade na propriedade. A decisão de ficar resultou na aprovação por parte dos pais, na visão desta filha, conforme declarou

Eu acho que eles gostaram. Era assim: meu irmão ainda era novo e a minha irmã já tinha saído, então se eu não ficasse eles estariam por uns tempos mais sozinhos. Eles gostaram que eu ficasse para ajudar e criar mais animais. (filha que permaneceu na propriedade)

O esposo também relatou que

O Pedro (sogro) incentivou. Quando eu vim ofereceu a terra. [...] explicou como ia funcionar: que nós iríamos ficar aqui, que ele iria oferecer a terra para nós [...]. Se o Pedro ia dizer: nós não temos terra para vocês, daí não podíamos ficar. A terra que o Pedro já tinha preparado, nós usamos para começar.

No desenvolver da entrevista, outro fator indicado por esta filha como influente na decisão de permanecer na propriedade foi o baixo nível de escolaridade. Isto ficou evidenciado na fala da filha quando perguntada a respeito de voltar no tempo e optar por outro ofício que não a atividade agrícola, no qual ela respondeu: “[...] se eu tivesse estudo naquela época eu não estaria aqui hoje.”. Neste momento esta filha relata que este desejo, ou melhor, esta constatação esta relacionada à dificuldade que ela enfrenta hoje no trabalho na agricultura, que na sua visão é pesado. Fala: “Porque o trabalho não é como o da minha irmã (que mora na cidade e trabalha em uma indústria). Eu acho que eles têm uma vida mais fácil. Trabalhar aqui é sempre. [...] Tu nunca tem férias. [...]. É uma coisa que eu mudaria, para ter uma vida assim... melhor, porque às vezes tu cansas.”. Conforme Abramovay et al (1998, p. 78) as moças definem o trabalho na agricultura como “sofrido, pesado, cansativo”. Além disso, embora as moças contribuam de forma decisiva no trabalho agrícola, não são chamadas a se envolverem na tomada de decisão quanto ao futuro da propriedade.

O irmão que permaneceu também na propriedade da família, quando questionado em que momento e quais fatores foram decisivos para que permanecesse na propriedade relatou:

Eu trabalhei fora. Eu vi que trabalhando fora tu estás nas mãos de outras pessoas. Tu trabalhas e no fim das contas não tem nada. Em casa tu tens mais, tem um futuro. O que trabalha em casa é para ti. Acho que eu tinha uns 22 ou 23 anos quando voltei. Antes disso, por aproximadamente meio ano, nos trabalhamos em uma granja de suínos em outro município. Lá foi muito difícil. Quando chegamos à granja eram 15 a 20 famílias. Estas famílias tinham aberto a granja já fazia dez anos. Nós éramos novatos e a gente trabalhou duro, eu e a minha esposa. A gente batalhou para fazer tudo certo, mas qualquer coisa que dava errado era culpa dos novatos, sempre. Tudo que dava errado lá dentro “caía” sobre nós. Era muito difícil.

Neste mesmo relato, o filho mostra que a questão da renda também é um fator de influência nos processos de sucessão nas propriedades rurais muito citado por diversos autores, que relacionam a renda como um indicador fortemente decisivo no processo de sucessão como demonstra o seguinte relato: “Também nesta época, em casa, tínhamos parado quase que totalmente com os porcos, quase dois anos. Dá para dizer que estávamos quebrados.” Depois relata então o retorno “Depois começou a melhorar o negócio com os porcos, de novo, daí eu fiquei em casa.”. Estas experiências pelas quais passou o filho ao sair de casa foram decisivas para que o mesmo voltasse e assumisse a atividade agrícola na propriedade paterna.

Quando questionado a respeito de como foi a reação dos pais na decisão de sua permanência na propriedade respondeu “Acho que eles ficaram felizes.” A mãe também interferiu neste momento dizendo “Eu gostei muito. Cada vez que eles voltavam para trabalhar na granja eu chorava.” Com este depoimento percebe-se, nitidamente, o sentimento de perda que esta situação causava nos pais e no filho. A fala da mãe é complementada com mais uma intervenção do filho, que relatou ainda “Era difícil. Tu nasces num lugar, cria raízes. Daqui a pouco tu saís. Se tu fosses para um lugar onde és querido. Mas tu vais para um lugar onde tu só leva “patada”. Quando tu voltas para casa não tem vontade de sair, mas tu és obrigado pelo trabalho.”.

Embora as parcerias nas atividades desenvolvidas nesta unidade de produção agrícola estejam em um estágio bastante avançado e consolidado, levantou-se também na entrevista o questionamento de qual era o grau de satisfação dos filhos em terem permanecido na propriedade e conseqüentemente nas atividades agropecuárias. A filha

respondeu, em relação à satisfação “Como vou dizer, acho que sim. É o que eu sei fazer hoje.”. O filho respondeu que “Sim, porque dá lucro. O que não dá lucro tu não fica satisfeito?”.

Também quando se questionou o filho em relação ao desejo de mudanças se pudesse voltar atrás, este demonstrou bastante aceitação referente a situação atual: “Acho que faria tudo igual. Não tem muito que mudar. Não somos ricos, mas estamos bem de vida. Não temos dívida.”.

Os filhos que permaneceram na propriedade são casados. O filho ainda não tem filhos, portanto, por enquanto, sem perspectivas futuras de sucessores.

A filha tem um filho, de 17 anos, e uma filha de 11 anos. Nas perguntas direcionadas a esta filha procurou-se levantar algumas opiniões a respeito dos possíveis sucessores, bem como situações de sucessão que poderá acontecer nesta segunda geração de filhos de agricultores (os netos), nesta propriedade.

A filha, quando questionada a respeito de qual sua idéia em relação aos filhos na sucessão das atividades na propriedade respondeu “o mais difícil para um deles ficar hoje é novamente encontrar um companheiro ou uma companheira para ajudar, porque esse serviço tem que ser feito em dois, para funcionar. Isto é uma coisa difícil e se torna a cada dia mais difícil”. Também o filho, neste momento, interfere e complementa o pensamento da mãe: “Vamos dizer que eu iria casar com uma professora e ela ia trabalhar em outra coisa. A gente quase não ia se ver. Isso não ia dar certo.”. Ainda em relação à compatibilidade de horários a mãe reforça a fala do filho: “Os horários não fecham. O nosso trabalho é bem diferente de quem trabalha fora, outra atividade. O horário é esse, por exemplo, oito horas por dia. Quando chega sábado e domingo tu estás pronto. Aqui isso não funciona.”.

Em relação a este questionamento o esposo respondeu “[...] eu nunca vou incentivar que fiquem, mas também não vou dizer: vão embora. Vão arrumar outro serviço.” E também fez referência ao que a esposa falou sobre mudanças se pudesse voltar atrás “... se ela pudesse começar de novo, sabendo o que ela sabe hoje, talvez ela fosse trabalhar fora.”. Estas falas passam o conteúdo de que estão presentes sentimentos de incertezas em relação à sucessão geracional. Estas incertezas estão ligadas ao que afirma Silvestro et al (2001) em relação aos processos sucessórios na atualidade. O autor coloca que as regras ou padrões sucessórios estabelecidos, principalmente até os anos 60, estão sendo aos poucos abandonados, sem que novos padrões sejam estabelecidos.

As mudanças estruturais ocorridas no meio rural e na agricultura, promovidas pelo processo de modernização, nas últimas décadas, provocaram mudanças também na lógica de sucessão dentro das famílias (SPANEVERELLO, 2008).

Este processo de modernização da agricultura trouxe impactos na reprodução social dos agricultores. As gerações mais novas tendem a ter relações sociais e culturais mais amplas, gerando um “repensar sobre suas identidades e suas realizações pessoais.” (SPANEVERELLO, 2008, p. 56). Na atualidade os filhos podem querer ou não reproduzirem as ocupações dos pais. “podendo optar pela saída do meio rural ao perceberem as ocupações urbanas como melhores e mais bem remuneradas, quando comparadas com a agricultura”. (BOURDIEU, 2000 apud SPANEVERELLO, 2008, p.55).

Outra questão levantada nesta parte da entrevista era se a filha acreditava que seus filhos permaneceriam na mesma atividade que ela exerce. A resposta foi de que hoje o trabalho está bem mais fácil, se comparado há alguns anos atrás. Também, que provavelmente eles terão um começo melhor, como aconteceu com ela e o marido, que complementa com a seguinte fala “O Pedro (patriarca) já tinha nos dado um começo. Mas nós conseguimos comprar mais terras e isso é uma coisa que eles já não precisam fazer.”. Estas falas se referem ao desenvolvimento tecnológico que a propriedade apresenta hoje, que na opinião deles torna o trabalho mais fácil.

A entrevista também procurou saber se algum neto do Sr. Pedro manifestou o desejo de permanecer na atividade agrícola. Neste momento o pai das crianças é quem responde “Olha, até os dois estão interessados, mas eles vão ter que viver conosco até o dia que eles vão casar. Depois é que vão saber. São muito novos.”.

No entanto o filho de 17 anos tem uma opinião um pouco diferenciada do pai:

Eu acho que antes de terminar o ensino médio tem que saber se vai ficar ou não. Porque se não ficar tem que estudar. Ter uma formação. Se eu ficar daí não vou mais estudar. Mas por enquanto acho difícil ficar em casa, porque é difícil encontrar alguém, uma parceira que ia ficar também.

Neste momento a filha de 11 anos também participa dos relatos e fala “Eu acho que vou ficar aqui”. E o irmão interfere novamente “Para encontrar um guri que se interesse é mais fácil, mas uma guria que se interessa é muito difícil. Não querem se sujar, não querem fazer trabalho pesado.”.

Nesta parte da entrevista ficam em evidência dois fatores, atuais, na questão da sucessão na agricultura familiar. O primeiro fator está na relação do trabalho na agricultura e o nível de escolaridade. Fica evidenciado o que coloca Silvestro et al (2001), que a maior percentual de sucessores para a agricultura familiar abrange os filhos com menor nível educacional.

O segundo fator está relacionado ao crescente índice de masculinização no meio rural. Este êxodo juvenil feminino pode ser associado a duas causas: o trabalho é considerado pesado pelas moças e a sua exclusão na distribuição do poder no interior da família. Assim a tendência é que as moças se afastem das atividades agrícolas e do meio rural (MELLO et al, 2003).

Ainda em relação ao relato deste filho de 17 anos, podem-se indicar as afirmações de Woortmann (1995), citada por Spanevello (2008), em referência a necessidade de se modernizar a unidade de produção, tanto para se cativar um sucessor, como também de se oferecer a uma possível esposa, deste sucessor, as modernidades relativas ao conforto doméstico. Ressalta a dificuldade em reter um sucessor e a dificuldade ainda maior em reter uma esposa para este herdeiro.

Prosseguindo a entrevista e diante da resposta do filho de 17 anos que se ficar na propriedade não iria mais estudar, foi questionada a possibilidade de ficar e continuar estudando, para qual ele responde que seu interesse está nas ciências exatas, “[...] como química, física e matemática.”, o que na sua visão não seria um aprendizado, ou uma profissão que venha ao encontro das atividades executadas na propriedade.

O pai também expõe sua opinião

[...] a forma como nós trabalhamos não serve para gente que tem estudo. [...] Se ele se formar vai entrar nesta propriedade depois dos 18, 20 anos. Daí já passou o tempo. Como eu e a esposa, começamos com 10 anos em diante a trabalhar. Depois de ter mais de 20 anos, se eles voltarem, os pensamentos não são aqueles que nós temos.

Finalizando a entrevista com esta família, da filha mulher que permanece na propriedade, perguntou-se se ela achava possível que mais de um filho permanecesse na propriedade. Neste momento o marido é quem responde: “Eu acho que não. Nós, eu e o Pedro (patriarca), a gente está junto e está funcionando. Mas eu acho que dois irmãos numa

propriedade com uma atividade, acho que não dá certo.”. A filha de 11 anos coloca “Se eu ia ficar me interesse mais em trabalhar com porco.”. Neste momento o irmão de 17 anos afirma “Eu sempre disse, desde pequeno: se ela ficar eu vou embora.” e complementa “Eu ia ficar mais por causa do econômico. Mas se vai ser três ou quatro famílias vivendo de uma atividade, daí o econômico já não ia compensar tanto. [...] Então seria mais vantajoso estudar, não seria tão difícil, tanto trabalho, tão pesado e iria ganhar a mesma coisa.”. O pai também expõe outro entrave para que mais de um filho fique na propriedade: “E quanto tem dois ou três numa atividade, tem três pensamentos. Às vezes têm bons pensamentos, mas também tem os que não são bons. E cada um acha que seu pensamento está certo.”, e é complementado pela esposa “Mas geralmente é só um pensamento para por em prática”.

Baseado nos depoimentos acima relatados pode-se verificar que a sucessão nesta propriedade está sendo conduzida no sentido de possibilitar a viabilidade econômica e social aos integrantes das famílias. Esta sucessão acontece como resultado de alguns fatores que tiveram influência para a permanência de dois filhos na propriedade.

Verifica-se que em relação à filha algumas questões que foram pontuais para a sua permanência e para que a sucessão iniciasse com ela. Sua aptidão e o gostar das atividades agrícolas podem ser indicados como os primeiro fatores de influência. Depois o casamento e a parceria com o patriarca, que consolidou sua posição na dinâmica familiar de sucessão. O baixo nível de escolaridade foi significativo para que a filha não saísse da propriedade em busca de outras atividades.

Para o filho as experiências profissionais, durante um período fora da propriedade, podem ser compreendidas como de forte influência para o seu retorno e permanência nas atividades na Propriedade Weizenmann.

Também a oferta de parceria pelo patriarca e a possibilidade de interferir nas decisões pertinentes aos trabalhos executados no seu retorno, foram fatores que reforçam sua permanência neste espaço rural.

Atualmente o bom desempenho econômico das atividades realizadas, também, é forte fator de influência para a permanência dos filhos e suas famílias na propriedade.

4.4.2 – A filha que não permaneceu

Nem todos os filhos são contemplados no processo sucessório dentro de uma propriedade com agricultura familiar. Em muitos casos as terras e as atividades ligadas ao meio rural, que possibilitam a reprodução social, cultural e econômica neste espaço de vida, são insuficientes para que este processo ocorra com todos os possíveis sucessores.

No caso da propriedade Weizenmann uma das filhas não permaneceu na propriedade e tão pouco na atividade agrícola. Em virtude do casamento, aos 18 anos, esta filha foi morar na cidade e hoje trabalha numa indústria de alimentos.

Alguns fatores podem se apresentar como determinantes no processo de saída dos filhos e filhas da propriedade. Em muitas situações, para as filhas o casamento se apresenta como ponto decisivo entre ficar ou sair da propriedade e, em muitos casos, também da atividade agrícola no meio rural.

Num primeiro momento poderia se creditar a saída da filha da propriedade pelo casamento. No entanto outros fatores também podem ter colaborado para esta decisão.

A filha mais velha, e que não permaneceu na propriedade sempre esteve mais identificada com o trabalho doméstico. Quando interrogada sobre suas lembranças em relação às atividades ela respondeu “As primeiras atividades que eu me lembro eram quando nós colocávamos adubo no milho com baldes pequenos.... Nós não conseguíamos pegar muito adubo, então cada pouco o pai pegava o saco e nós tínhamos aquele balde pequeno.” Neste episódio constata-se a participação da filha nas atividades agrícolas

Quando questionada sobre a divisão das tarefas, entre ela e os irmãos, afirma “De manhã havia divisão. Eu era em casa, no serviço de casa e meus irmãos iam para a roça. Só que de tarde todo mundo ia junto para a roça.”. Mas na resposta sobre qual tarefa tinha mais prazer em realizar, a resposta era, “Trabalhar em casa. Fazer o serviço de casa. Isto eu gostava mais.”.

Na fala desta filha podemos identificar uma ligação com as afirmações de Spanevello e Lago (2007) em relação à divisão de gênero no trabalho. Para os autores as perspectivas são diferenciadas entre homens e mulheres, e o trabalho doméstico não é reconhecido e valorizado como produtivo na propriedade. Diante destas constatações dificilmente as filhas acreditam que serão sucessoras, “porque deve herdar a terra quem trabalha nela de maneira produtiva” (SPANEVERELLO e LAGO, 2007, p.6).

Assim, a saída dessa filha da propriedade pode estar ligada à sua preferência pelo trabalho doméstico, que não é valorizado no momento da decisão sobre quais os membros da família irão continuar as atividades agrícolas da unidade produtiva.

Na continuidade da entrevista perguntou-se em que momento ocorreu a decisão de sair da propriedade de seus pais. Sua resposta foi: “Quando eu casei. Meu marido já estava trabalhando na cidade. Daí eu vim para a cidade também.”. Perguntou-se, ainda, que motivos ou fatores influenciaram esta decisão, e ela respondeu: “Naquela época, o pai, eles tinham poucas coisas. Não deu para nós ficarmos lá. Quem sabe se já tivessem mais, como agora, a gente tinha ficado.”, e complementa “O sonho do pai sempre era que nós voltássemos um dia. Mas meu irmão e minha irmã foram ficando lá, daí.....”. Neste momento a supressão da fala indica que as possibilidades físicas e estruturais da propriedade já se encontram ocupadas e que, provavelmente, mais um sucessor poderia inviabilizar a propriedade no viés econômico.

Em resposta a questão como seus pais reagiram à sua saída ela relata: “Aceitaram. Fazer o que? Era uma escolha, já que meu marido trabalhava na cidade. Não tinha como eu ficar.”

Também se perguntou se estava satisfeita com a atividade que desempenha hoje. Ela responde que agora já se acostumou com o trabalho, pois são quase 20 anos na mesma indústria. Quando interrogada se pudesse voltar atrás escolheria outra atividade ou faria novamente a mesma opção, ela responde:

Acho que iria ficar na colônia (meio rural). Porque lá a gente tem liberdade. Aqui tu não tens liberdade. Tem hora para tudo. Tem que cuidar muito dos horários. Aqui em casa a gente quase não se enxerga durante a semana. Meu marido trabalha no primeiro turno (da mesma indústria) e eu trabalho no segundo turno. Ainda tem os filhos no meio.

Esta filha que não ficou na propriedade, hoje mora na cidade e tem três filhos. Questionou-se qual era sua idéia em relação aos filhos: “Eu quero que eles estudem. Para eles a atividade agrícola agora é difícil. Foram criados longo da colônia (meio rural). Eles gostam do interior, mas para eles voltarem para lá eu acho difícil.”. Embora tenham sido criados na cidade, os filhos, como ela já relatou, gostam muito do interior. O contato com os pais dela, na propriedade, é normalmente a cada 14 dias, nos finais de semana. Mas pelos

filhos “nós íamos a cada semana. Porque, meu Deus, quando falamos em ir lá eles gostam.”. No entanto quando questionada se algum filho manifesta a vontade de voltar para o rural ela responde: “Não”.

Nesta entrevista com a filha que não permaneceu na propriedade verificam-se alguns fatores que influenciaram sua saída.

O primeiro deles aparece logo na divisão de tarefas quando eram crianças. Esta filha sempre teve a preferência pelo trabalho doméstico, ou seja, não desenvolveu aptidão para as atividades agrícolas.

O segundo fator, presente em outras situações de saída do meio rural, foi o casamento. Devido ao futuro marido já estar trabalhando na cidade, sua saída da propriedade pode ser considerada naturalmente óbvia.

Note-se, também, como influente no processo de sua saída da propriedade, o fato de que na época o pai não dispunha de uma estrutura para que pudesse oferecer uma parceria, como ocorreu com os outros filhos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os fatos relacionados ao processo de sucessão da família Weizenmann, sempre estiveram sob o “olhar” atento do patriarca, mesmo que no seu entender não tenha havido um planejamento para isso. Nem sempre essas questões são pensadas de forma muito clara, mas elas vão acontecendo assim como aconteceu consigo mesmo, com o seu pai, com seu avo e deverá acontecer com seus filhos.

Para esse caso percebe-se que as estratégias utilizadas foram eficazes e contemplaram os anseios dos pais.

Percebe-se que é condicionante para que a sucessão seja bem encaminhada que o sentimento de orgulho e contentamento em ser agricultor esteja presente na família. Isso foi percebido na aplicação das entrevistas, que mostraram que o sentimento de grupo, de família foi fundamental para que os acertos, a organização e a posição que cada um ocupa no todo, não interferissem no processo de sucessão e reprodução social.

Esta dinâmica dentro da família ocorre, em muitos casos levando em consideração também que muitos filhos não têm aptidão para o trabalho agrícola. Embora a família se organize para que as atividades sejam repassadas de uma geração a outra, em muitos casos os filhos irão sair do meio rural em busca de outras experiências profissionais.

Por outro lado, em outras situações, estas experiências profissionais fora da propriedade, se apresentam como indicativo de retorno de alguns filhos.

Também se percebe que existe certa apreensão em relação aos processos de sucessão que estão por acontecer. Há um sentimento de incerteza diante da constatação de mudanças sociais e culturais, para as quais os possíveis “novos” sucessores não estão preparados. Ou seja, o modelo está mudando e a agricultura familiar, ainda, não consegue acompanhar estas mudanças de forma completa.

Estes processos por envolverem trabalho e família não estão alicerçados somente em fatores econômicos. O processo vai envolver a família como um espaço de relações sociais, culturais e de trabalho. As estratégias utilizadas e os acertos efetivados serão pontuais para que a sucessão e a reprodução social aconteçam visando à continuidade da agricultura familiar, na diversidade das formas que se apresenta no meio rural.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo et al. **Juventude e agricultura familiar: Desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: UNESCO, 1998. 104p.

AHLERT, L. **A sucessão das atividades na agricultura familiar**. In: 47º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, de 26 a 30 de julho de 2009, Porto Alegre, RS. Disponível em: www.sober.org.br/palestra/13/709.pdf. Acesso Maio/2011.

ASSAD, Maria Leonor Lopes; ALMEIDA, Jalcione. Agricultura e Sustentabilidade: Contexto, desafios e cenários. **Ciência & Ambiente**, Santa Maria, n. 29, p.15-30, 2004.
ATLAS SOCIOECONOMICO DO RIO GRANDE SUL. Mapa da Estrutura fundiária do RS. Disponível em: http://www.seplag.rs.gov.br/uploads/estrutura_fundiaria_2006.pdf. Acesso em Maio/2011.

CARNEIRO, Maria José. **Em que consiste o Familiar da Agricultura Familiar?** p. 153-169. Oficina de Atualização Temática, Ocupações Rurais não-agrícolas ANAIS, Londrina, 2000.

CHEMIN, Beatris Francisca; AHLERT, Lucildo. A SUCESSÃO PATRIMONIAL NA AGRICULTURA FAMILIAR. **Estudo & Debate**: UNIVATES, Lajeado, Rs, v. 17, n. 1, p.49-74, 2010.

GEHLEN, Ivaldo. **Estrutura, Dinâmica Social e Concepção sobre Terra no Meio Rural do Sul**. Cadernos de Sociologia. Porto Alegre, v.6, p. 154-176, 1994.

GEHLEN, Ivaldo. **Estruturas e Formas Sociais na Agricultura segundo alguns Indicadores** (Sul do Brasil). Disponível em: <http://moodleinstitucional.ufrgs.br/mo/resource/view.php?id=65337>. Acesso em Maio/2011.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo; Organizadores. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1. Acesso em Maio/2011.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA – INCRA. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/portal>. Acesso em Agosto/2011.

JUCHEM, Dionise Magna; BOSCARIN, Paola; CÉSPEDES, Edgardo A. H. **Principais problemas enfrentados na hora da sucessão na propriedade rural: evidências empíricas.** Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/Semead/8semead/resultado/trabalhosPDF/92.pdf>. Acesso em Maio/2011.

MELLO, M. A. de; ABRAMOVAY, R.; SILVESTRO, M.L.; DORIGON, C.; FERRARI, D.L.; TESTA, V.M. Sucessão hereditária e reprodução social na agricultura familiar. In: **Agricultura em São Paulo**, v.50, nº 1, p. 11-24, 2003. Disponível em: www.abramovay.pro.br/artigos_cientificos/2003/sucessaohereditaria.pdf. Acesso em Maio/2011.

MULLER, J. M. **Multifuncionalidade da agricultura e a agricultura familiar: a reconstrução dos espaços rurais em perspectiva.** In: VII Congresso Brasileiro de Sistemas de Produção, de 4 a 6 de setembro de 2007, Fortaleza – CE. Disponível em: www.cnpat.embrapa.br/sbsp/anais/Trab_Format_PDF/73.pdf. Acesso Abril/2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORQUETINHA, RS. Disponível em: <www.forquetinha.com.br>. Acesso em Maio/2011.

SCHNEIDER, S. **Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, V. 18, nº 51, p.99-123, 2003.

SCHNEIDER, Sergio. **A pluriatividade na agricultura familiar.** 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 258 p.

SILVESTRO, Milton Luiz et al. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar.** Florianópolis: Epagri; Brasília: Nead/ Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.

SPANEVERELLO, Rosani Marisa; LAGO, Adriano. **As Cooperativas Agropecuárias e a Sucessão Profissional na Agricultura Familiar.** In: XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, de 22 a 25 de Julho de 2007, Londrina, PR. Disponível em: www.sober.org.br/palestra/6/1001.pdf . Acesso Maio/2011.

SPANEVERELLO, Rosani Marisa. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar.** Tese de doutorado. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

VALORES DO VALE : perfil socioeconômico do Vale do Taquari - RS. - vol. 2. Santa Cruz do Sul : Editora Gazeta Santa Cruz, 2004.

VEIGA, J. E. et al. **O Brasil rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento**. Série Textos para Discussão, nº 1. Brasília: Convênio FIPE – IICA (MDA/CNDRS/NEAD), 2001.108 p.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. RAÍZES HISTÓRICAS DO CAMPESINATO BRASILEIRO. In: TEDESCO, João Carlos et al. **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. 3. ed. Passo Fundo: UPF, 2001. Cap. 1, p. 21-55.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA REALIZADA COM O PATRIARCA, SENHOR PEDRO PAULO WEIZENMANN, DA FAMÍLIA DA PROPRIEDADE WEINZEMANN, LOCALIDADE DE SÃO VITOR, MUNICÍPIO DE FORQUETINHA, RS

1 – Nome/Idade:

2 – Grau de escolaridade:

3 – Proprietário: ()sim ()não

4 – Como obteve a propriedade (herança, compra, posse, etc):

5 – Há quanto tempo possui a propriedade?

6 – Possui outras propriedades, imóveis? Quais?

7 – Área total da propriedade (hectares):

8 – Quantos hectares utilizam para a atividade agrícola:

9– Arrenda área de terceiros: ()sim ()não

Se sim quantos hectares:_____ Valor pago pelo arrendamento:_____

10 – Arrenda área para terceiros: ()sim ()não

Se sim quantos hectares:_____ Valor recebido pelo arrendamento:_____

11 – Principais atividades agrícolas da propriedade:

Atividade	Produção	Venda (para quem)
Milho		
Feijão		
Soja		
Trigo		
Cana-de-açúcar		
Leite		
Fruticultura		
Horticultura		
Avicultura		
Suinocultura		
Outros (Citar quais)		

12 – Que tipo de tecnologia é usada na produção:

13 – Utiliza a mecanização na propriedade:

14 – Qual tipo de maquinário possui:

15 – Mão-de-obra na propriedade:

Externa fixa: ()sim ()não Quantas pessoas:_____

Externa temporária: ()sim ()não Quantas pessoas:_____ Período:

_____ Familiar: ()sim ()não Quantas pessoas:_____

16 – Recebe orientação técnica? De quem?

17 – Exerce atividade não-agrícola? Quais?

18 – Fontes de renda (além da agricultura):

19 – Participa de organizações sociais e/ou profissionais na comunidade, município? Quais?

20 – Percebe vantagens em participar destas organizações?

21 – Realiza controle financeiro (entrada e saídas) dos recursos da atividade agrícola?

22 – Realiza cálculos de custos de produção?

23 – Fez algum tipo de investimento na propriedade nos últimos três anos? Qual?

24 – Os investimentos foram realizados com:

() recursos próprios

() Financiamentos Que tipo (Pronaf, bancos privados, proger, etc):_____

25 – Qual sua percepção da atividade agrícola? Sente-se satisfeito com esta atividade?

26 – Cite vantagens e desvantagens da atividade agrícola:

Vantagens:_____

_____ Desvantagens:_____

27 – Como era a atividade agrícola no passado se comparada com a atividade agrícola nos dias atuais?

28 – Se hoje pudesse voltar atrás escolheria outra atividade ou faria novamente a mesma opção? Por quê?

29 – O senhor planejou essa sucessão nas atividades agrícolas na propriedade ou isso foi naturalmente?

30 – Já planejou a divisão patrimonial da propriedade?

31 – Esta divisão que o senhor está pensando, é baseada em que critérios?

32 – Como vocês se sentem em relação a voltar o olhar para o começo da vida a dois e a situação de vocês agora?

33 – Valeu a pena?

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA REALIZADA COM A FILHA MULHER, SENHORA JANETE BALD, QUE PERMANECEU NA ATIVIDADE DE BOVINOCULTURA LEITEIRA NA PROPRIEDADE WEINZEMANN, LOCALIDADE DE SÃO VITOR, MUNICÍPIO DE FORQUETINHA, RS

- 1- Qual é a lembrança que você tem das primeiras atividades realizadas na propriedade de seus pais?
- 2- Você e seus irmãos participavam de todas as atividades junto com seus pais ou havia divisão de tarefas?
- 3- Como você se sentia em relação a realizar estas tarefas?
- 4 – Havia alguma tarefa que era mais agradável de realizar? Por quê?
- 5 – Em que momento você decidiu que ficaria na propriedade de seus pais (Idade e/ou fato marcante)?
- 6- Que fatores e/ou motivos influenciaram nesta decisão?
- 7 – Como seus pais reagiram?
- 8- A divisão patrimonial dos seus pais já está decidida? Formal ou acerto verbal?
- 9- Qual atividade você realiza hoje?
- 10- Está satisfeito (a) com esta atividade? Por quê?
- 11 – Se hoje pudesse voltar atrás escolheria outra atividade ou faria novamente a mesma opção? Por quê?
- 12- Você tem filhos? Quantos?
- 13- Qual a sua idéia em relação a eles (aqui se ver se eles pretendem que os seus filhos permaneçam na propriedade e/ou atividade agrícola)?
- 14- Já pensou na sucessão nas suas atividades na propriedade?
- 15- Acredita que seus filhos irão permanecer nesta mesma atividade? Por quê?
- 16- Algum filho já manifestou este desejo? Qual?
- 17- Você acha possível mais que um filho permanecer na propriedade? Por quê?

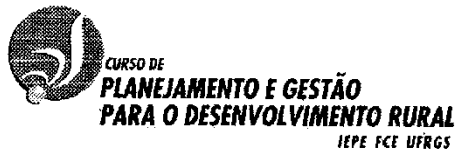
**APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA REALIZADA COM O FILHO
HOMEM, SENHOR MÁRCIO ANDRÉ WEIZENMANN, QUE PERMANECEU NA
ATIVIDADE DE SUINOCULTURA NA PROPRIEDADE WEINZEMANN,
LOCALIDADE DE SÃO VITOR, MUNICÍPIO DE FORQUETINHA, RS**

- 1- Qual é a lembrança que você tem das primeiras atividades realizadas na propriedade de seus pais?
- 2- Você e seus irmãos participavam de todas as atividades junto com seus pais ou havia divisão de tarefas?
- 3- Como você se sentia em relação a realizar estas tarefas?
- 4 – Havia alguma tarefa que era mais agradável de realizar? Por quê?
- 5 – Em que momento você decidiu que ficaria na propriedade de seus pais (Idade e/ou fato marcante)?
- 6- Que fatores e/ou motivos influenciaram nesta decisão?
- 7 – Como seus pais reagiram?
- 8- A divisão patrimonial dos seus pais já está decidida? Formal ou acerto verbal?
- 9- Qual atividade você realiza hoje?
- 10- Está satisfeito (a) com esta atividade? Por quê?
- 11 – Se hoje pudesse voltar atrás escolheria outra atividade ou faria novamente a mesma opção? Por quê?
- 12- Você tem filhos? Quantos?
- 13- Olhando a situação na propriedade, da sua irmã e filhos, qual a sua idéia em relação aos filhos que poderá ter, na questão da sucessão nas suas atividades?

APÊNDICE D – ROTEIRO DA ENTREVISTA REALIZADA COM A FILHA MULHER, JANICE ELAINE KLEIN, QUE SAIU DA PROPRIEDADE WEINZEMANN, LOCALIDADE DE SÃO VITOR, MUNICÍPIO DE FORQUETINHA, RS.

- 1- Qual é a lembrança que você tem das primeiras atividades realizadas na propriedade de seus pais?
- 2- Você e seus irmãos participavam de todas as atividades junto com seus pais ou havia divisão de tarefas?
- 3- Como você se sentia em relação a realizar estas tarefas?
- 4 – Havia alguma tarefa que era mais agradável de realizar? Por quê?
- 5 – Em que momento você decidiu que ficaria na propriedade de seus pais (Idade e/ou fato marcante) ?
- 6- Que fatores e/ou motivos influenciaram nesta decisão?
- 7 – Como seus pais reagiram?
- 8- A divisão patrimonial dos seus pais já está decidida? Formal ou acerto verbal?
- 9- Qual atividade você realiza hoje?
- 10- Está satisfeito (a) com esta atividade? Por quê?
- 11 – Se hoje pudesse voltar atrás escolheria outra atividade ou faria novamente a mesma opção? Por quê?
- 12- Você tem filhos? Quantos?
- 13- Qual a sua idéia em relação a eles (aqui ver o que ela esta pensando para os filhos)?
- 14- Com que frequência você e seus filhos mantêm contato com a propriedade de seus pais?
- 15- Algum filho seu manifesta intenção ou vontade de voltar para o rural?

ANEXO – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO.



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

**Trabalho de Conclusão de Curso
INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS**

NOME: PEDRO PAULO WEIZENMANN

RG/CPF: 7034355292/196694370-91

Este **Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão de Curso "Fatores de influência na sucessão geracional na UPA: Estudo de Caso da Propriedade Weizenmann, Linha São Vítor, Forquetinha,RS" para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar do Trabalho de Conclusão de Curso "Fatores de influência na sucessão geracional na UPA: Estudo de Caso da Propriedade Weizenmann, Linha São Vítor, Forquetinha,RS" – do Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural – *PLAGEDER*, que tem como objetivo " Identificar quais são os fatores econômicos e socioculturais que exercem influência na sucessão geracional na Unidade de Produção Agrícola – UPA, na Propriedade Weizenmann, Linha São Vítor, município de Forquetinha,RS".

A minha participação consiste na recepção da aluna "Silvana Alice de Mattos Reckziegel" para a realização de entrevista.

Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que este projeto/pesquisa resultará em um **Trabalho de Conclusão de Curso** escrito pelo aluno. Para isso, **(x) AUTORIZO / () NÃO AUTORIZO** a minha identificação e a da propriedade para a publicação no TCC.

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

Assinatura *Pedro Paulo Weizenmann*

Forquetinha, 29/04/2011.